

Resenha

Etnografia em fazendas fabris: hiperindustrialização, padronização e exploração de novas relações entre humanos e animais

Ethnography on factory farms: hyperindustrialization,
standardization and exploration of new relations
between humans and animals

Etnografía en granjas fabriles: hiperindustrialización,
estandarización y exploración de nuevas relaciones
entre humanos y animales

1



Raisa Ramos de Pina

Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

E-mail: raisarpina@gmail.com

BLANCHETTE, Alex. **Porkopolis**: American Animality, Standardized Life, and the Factory Farm. Durham: Duke University Press, 2020.

Data de recebimento: 01/02/2023

Data de aprovação: 05/05/2023

A pesquisa do antropólogo Alex Blanchette publicada no livro *Porkopolis: American Animality, Standardized Life, and the Factory Farm* (2020) apresenta uma reflexão sobre um tipo de industrialização contemporânea que explora uma nova relação íntima de trabalho entre humanos e animais. O autor, que defendeu sua tese de dou-

torado e dissertação de mestrado na Universidade de Chicago, com graduação na Universidade de Toronto, atualmente é Professor Associado do Departamento de Antropologia da Turfs University, onde conduz pesquisas para responder a preocupações que envolvem políticas de trabalho e vida doméstica nos Estados Unidos pós-industrial, com atenção especial à indústria de processamento de proteína animal. Apesar de ser autor de diversos artigos sobre o tema, *Porkopolis* é seu primeiro livro. Ao longo de 320 páginas, divididas em cinco partes mais prefácio, introdução, epílogo e uma nota sobre o uso de fotografias (assinadas por Sean Sprague), Blanchette responde criticamente a uma leitura pós-industrial, com evidência etnográfica coletada em fábricas produtoras e processadoras de suínos. A realidade acompanhada pelo autor aponta não para um momento de *desindustrialização*, mas para uma *hiperindustrialização* capitalista que cria *fazendas fabris* (*factory farms*) de padronização de seres vivos (animais e humanos).

Blanchette descreve com detalhes as etapas de produção e processamento de carne suína e outras partes comercializáveis das “carcaças” de porcos. O método de levantamento de dados foi rigoroso. Por mais de dois anos, o antropólogo etnografou a “capital do porco” dos Estados Unidos, batizada de *Porkopolis* pela opinião pública americana e de Dixon pelo autor (nome fictício que Blanchette estabelece para preservar anonimatos, apesar de não ser difícil descobrir qual é o município estadunidense que mais processa proteína suína atualmente). Ao longo de seu trabalho de campo, o pesquisador participou de um curso com executivos do agronegócio; trabalhou como aprendiz em inseminação suína; e auxiliou, como professor de inglês, trabalhadores imigrantes refugiados. Além disso, foram realizadas mais de cem entrevistas com profundidade.

Dixon, uma “cidade-fantasma” remota, reúne em si quatro indústrias de processamento suíno: Dover Foods, Berkamp Meats, Trenton Produce e Cardinal Packing (todos nomes fictícios). *Porkopolis* se debruça com mais atenção sobre as duas primeiras. No total, sete milhões de porcos são mortos na região anualmente, ou 6% da produção estadunidense (números de 2013, quando Blanchette realizou seu trabalho de campo). A principal contribui-

ção do antropólogo, além de trazer com detalhes a rotina industrial, é conceitualizar as *fazendas fabris* e registrar novas práticas de trabalho que definem um momento *hiperindustrial*.

As *factory farms* são espaços de exploração, de morte e de lucro a curto prazo, focados na produção em larga escala de animais padronizados, a qual transforma a existência humana pela emergência de novas relações íntimas de trabalho interespécies. A padronização de porcos não vem, entretanto, sem padronização de relações humanas, especialmente sob a justificativa da biossegurança, que transborda das fábricas para os espaços domésticos dos trabalhadores, ditando regras para os relacionamentos privados. A *fazenda fabril* emerge com suas características em 1970 e se prolifera a partir da década de 1990 como um projeto consciente para extração do máximo de valor capital do animal e dos trabalhadores envolvidos nesta cadeia. Este projeto, centrado na padronização da vida animal, gera uma *animalidade capitalista estadunidense* vista por Blanchette como produto de um sistema político-econômico construído a partir de estratégias de acumulação e controle, que se manifesta como distinção e valor. São estas, portanto, as três categorias que Blanchette trabalha originalmente em seu livro no contexto de hiperindustrialização: *fazendas fabris*, padronização de vidas e *animalidade capitalista*.

A política industrial discutida por Blanchette, que explora o trabalho humano e as capacidades corporais de porcos, produz 1.100 *commodities* diferentes a partir da segmentação industrial das carcaças suínas. Do sêmen ao plasma, tudo é aproveitado em uma cadeia que extrapola o consumo humano. O processamento animal tem destinos variados: além dos músculos, que vão para alimentação humana, os ossos vão para a produção de gelatina, cola óssea (uso médico) e base para sopa oriental (*ramen*); os miúdos são destinados para ração de *pets* e para indústria farmacêutica; o sangue é reciclado em plasma para alimentar os próprios filhotes suínos que devem engordar rapidamente; a gordura é usada para produção de biodiesel ou glicerina para cosméticos. Até o excremento é processado em metano para aquecimento de água dos

sistemas sanitários. Para tudo isso, há trabalho humano envolvido de forma íntima, como Blanchette descreve nos capítulos do livro.

A primeira parte da publicação, intitulada *Boar*, comenta sobre o impacto ambiental e sanitário da produção massiva de porcos em Dixon, além de apresentar a realidade de protocolos de biossegurança que contaminam o espaço doméstico dos trabalhadores. As unidades de confinamento de porcos da empresa Dover Foods afetam diretamente a qualidade do ar da cidade. Blanchette registra o relato de um morador de Dixon que reclama do cheiro das lagoas de armazenamento de urina e fezes suínas, que agrava a asma de sua esposa. A abertura da empresa na cidade desenvolveu a chamada “mosca de Dover”, imune aos inseticidas e às baixas temperaturas do inverno. O relato evidencia que as estruturas “biosseguras” não são impermeáveis, pelo contrário: afetam corpos, ecologias, comunidades e a biosfera.

Os protocolos de biossegurança rearranjam as relações humanas. Em 2013, durante a epidemia de diarreia suína (*Porcine Epidemic Diarrhea Virus*, PEDV) que afetou 10% dos porcos dos EUA, famílias de trabalhadores foram forçadas a adaptarem suas rotinas domésticas. Blanchette registra o caso de uma família de trabalhadores imigrantes da Guatemala, cujos irmãos trabalhavam na companhia Dover e o pai trabalhava na concorrente Berkamp. Para impedir a contaminação de porcos de uma empresa para a outra, a família foi obrigada a se separar: os irmãos e o pai não poderiam morar todos na mesma casa. O autor ainda menciona a história de recém-casados na mesma situação, que tiveram que optar pela demissão da esposa com a mesma finalidade, evitar contaminação entre porcos.

Da mesma forma, trabalhadores que operam em etapas diferentes da produção suína são impedidos de se relacionarem, ou seja: quem atua na inseminação e nascimento, por exemplo, não pode ter contato com trabalhadores do abate, para diminuir as chances de epidemia suína. Muitos trabalhadores reclamam de como a biossegurança perturba suas vidas privadas. Blanchette percebe, portanto, que espécies suínas ditam relações de paren-

tesco, sexualidades, amizades e ritmos sociais, existindo também na casa das pessoas. O trabalho parece ser ininterrupto.

A participação de mão de obra imigrante nas fazendas industriais inaugura a segunda parte do livro, sendo tema do capítulo três, *Somos Todos Puercos*. Para o antropólogo, a expressão, proferida por uma trabalhadora latina, representa um histórico de violências e exclusões típicas do avanço do capitalismo. Na simbologia ocidental, o porco é relacionado com sujeira, criaturas de baixo calão. Em Dixon, há uma segregação entre aquele que é “local” e aquele que é imigrante, mesmo que o imigrante tenha mais tempo de vida nos Estados Unidos, ou mesmo que tenha nascido no país de pais estrangeiros.

A reprodução suína, momento de grande intimidade entre humanos e animais, é tratada a partir do capítulo quatro (*Stimulation*), com descrição do trabalho manual de estimulação peniana do porco para extração de sêmen para posterior inseminação de fêmeas. Alex Blanchette trabalhou durante um mês no setor de inseminação da Berkamp Meats e, durante esse tempo, foi responsável pela concepção de dois mil fetos. O autor faz uma descrição detalhada de uma política de trabalho, gênero e sexo. Geralmente são homens que inseminam as porcas, e via de regra são as mulheres que auxiliam no parto, na recepção e na amamentação dos filhotes. Há, portanto, reprodução de papéis de gênero humanos no trabalho com animais.

Blanchette registra que, para estimular a fêmea para o momento da inseminação, os trabalhadores homens, inebriados por hormônios de fertilidade animal, realizam um tipo de movimento específico, usando o toque e o seu próprio peso nas costas das fêmeas, forjando um momento de acasalamento interespecie. Alguns homens ainda emitem sons e mencionam uma “pressão certa” para “estimulação extra”, o que gera uma paternidade ambígua.

O preparo das porcas para a fecundação também depende de uma série de novas formas de trabalho, que envolvem exploração de outras formas animais, como equinos. Chamadas de *blood mares*, éguas na América Latina são inseminadas e então deliberadamente

abortadas nos primeiros meses da gestação para extração de sangue rico em gonadotropina, hormônio conhecido pela sigla PMSG, ou em inglês *pregnant mare serum gonadotropin*. A substância é usada como estratégia de superovulação de animais em confinamento. Blanchette, durante sua imersão no setor de inseminação, registra ter usado o hormônio no trabalho com porcas.

O PMSG possibilita que trabalhadores cheguem cedo à fábrica e comecem a inseminar porcas em qualquer momento do ciclo fértil suíno, ou seja, o expediente de trabalho é aproveitado em sua totalidade, sem depender do ritmo natural da biologia animal. O pesquisador reflete, portanto, em como o PMSG é uma droga ideológica que manifesta industrialismo, transformando porcas em máquinas que devem ser operadas pelo esforço de trabalhadores humanos.

Da mesma forma que a fecundidade é induzida, o parto também o é na *animalidade capitalista*. A terceira parte do livro, intitulada *Hogs*, é iniciada com uma reflexão sobre *Lutalyse*, uma outra injeção hormonal feita em suínos que garante o parto em 114 dias após a concepção. Trabalhadoras gestantes são impedidas de se aproximarem da substância (o famoso “não pode nem sentir o cheiro”). Com o hormônio, mais uma vez, o expediente do trabalho humano não é alterado pela biologia suína, pelo contrário: é o trabalho humano que determina a hora do parto. Este controle também garante que a mortalidade de filhotes seja controlada por trabalho como a técnica de *sleeving*: a cada vinte minutos, trabalhadoras introduzem suas mãos no corpo da fêmea e extraem manualmente os filhotes. Esta técnica é especialmente usada em momento de hiperabundância de fetos, para manter o tempo industrial.

Enquanto alguns marxistas argumentam que o valor da mercadoria depende exclusivamente da agregação de trabalho humano, Blanchette defende que o valor capitalista depende também do trabalho não remunerado de seres não humanos. Os hormônios injetados nos animais tornam o suíno uma máquina pronta para ser operada. Considerando hormônios, antibióticos e outras drogas, a Dover Foods realizou 32 milhões de injeções em 2009. Agulha perdida na carne suína tornou-se um problema da indústria alimentícia.

O tema dos hormônios injetados prolonga-se no capítulo seguinte, *Stockperson*, que discute um “refazer” da natureza animal e como superovulações, induzidas industrialmente, extrapolam a capacidade biológica das porcas de amamentarem (são as chamadas *hyperprolific sows*, que superovulam por indução hormonal). As fêmeas possuem geralmente catorze tetas para amamentação, mas elas têm sido operadas para gerarem mais filhotes do que isso. Em consequência, uma grande proporção de trabalhadoras têm como tarefa diária alimentar filhotes recém-nascidos com leite em pó.

Em 1990, a média de reprodução animal era de vinte filhotes por ano por porca (f/a/p). Com o passar do tempo, Blanchette relata, indústrias aumentaram a “meta” de reprodução para trinta f/a/p. Atualmente, algumas *fazendas fabris* afirmam serem capazes de alcançar trinta e cinco ou quarenta f/a/p. A proliferação industrial de suínos, tratada em termos de “meta”, teve como resultado a diminuição do tamanho dos filhotes, que nascem menores e mais frágeis do que antigamente, sendo necessário mais envolvimento de trabalho humano que não se restringe aos espaços de confinamento animal. Nos laboratórios, pesquisadores têm se preocupado em selecionar animais com úteros maiores e garantir técnicas científicas que possam fornecer ao órgão de reprodução mais irrigação sanguínea, além de produzir drogas que impeçam deficiências nos filhotes. Em seis meses, os porcos estão prontos para abate.

Em 2013, Dover Foods foi responsável por abater um porco a cada três segundos. A morte suína é tratada em *Porkopolis* apenas na quinta (última) parte, *Vicera*. O capítulo dez, *Lifecycle*, descreve a evisceração profunda a qual a espécie suína é submetida para produção de *commodities* distintas. Cada uma das mercadorias abre novas áreas para desenvolvimento e exploração corporal do animal que envolvem processos de trabalho humano.

Apesar de o foco do livro ser em *fazendas fabris* de produção suína, no epílogo, Blanchette aborda rapidamente o caso de produção de frango industrial no pós-Segunda Guerra Mundial. O antropólogo registra que o frango foi transformado de um animal de

produção de ovos na maior população animal para processamento de proteína do mundo, monopolizada por poucas empresas privadas, que se tornaram líderes de grandes mercados a partir 1980, como *Tyson Foods* e *Pilgrim's Pride*.

As indústrias de processamento de proteína animal interessam a antropologia porque, mais do que um lugar de matança, é um fenômeno recente e um lugar de hierarquização de espécies que transforma a carne processada em norma e altera relações entre humanos e entre humanos e animais. Ao fim, Blanchette questiona se as visões herdadas do capitalismo industrial, centradas somente na política do trabalho humano, são adequadas para trabalhar com temas do agronegócio. Para ele, mais do que uma economia de produzir porcos e lucro, este é um projeto político para reproduzir o modo social industrial. O livro encerra-se com a conclusão de que não existe *pós-industrialismo* enquanto não for criado um outro modelo econômico (ou seja, a industrialização não é um projeto acabado). Até lá, seguem operantes sistemas cada vez mais prejudiciais a corpos, relações e saúde das pessoas.

8

Infelizmente, ainda não há tradução de *Porkopolis* para o português, uma necessidade urgente, já que evidencia-se o protagonismo global da indústria de processamento de proteína animal brasileira. O trabalho de Blanchette é útil para estudos sobre industrialização, mas é importante, sobretudo, por ser um trabalho etnográfico em *fazendas fabris*, campo ainda incipiente na antropologia. O livro também é relevante para os estudos sobre relações entre humanos e animais, e novas formas de intimidade. Ainda, a pesquisa pode colaborar para estudos sobre sustentabilidade deste tipo de fábrica. Do pré-vida ao pós-morte animal, o autor deixa clara sua posição ecológica, moral e política sobre a vida animal e rural, mas apresenta uma pesquisa rigorosa e séria, em que o esforço de compreensão antropológica da indústria animal é clara e bem-sucedida.